

UM ATO DE RESISTÊNCIA: POR QUEM OS SINOS DOBRAM E A GUERRA CIVIL ESPANHOLA

AN ACT OF RESISTANCE: FOR WHOM THE BELL TOLLS AND THE SPANISH CIVIL WAR

Marcelo Cizaurre Guirau ⁽¹⁾

RESUMO. Publicado em 1940, o romance *Por Quem os Sinos Dobram*, de Ernest Hemingway, é uma das obras de ficção sobre a Guerra Civil Espanhola mais conhecidas. O livro conta a história de Robert Jordan, um professor de língua espanhola americano que se torna combatente voluntário da resistência contra o golpe militar comandado por Francisco Franco. Neste artigo, mostraremos como o sentido de missão e de engajamento plasmados no personagem Robert Jordan figuram o entusiasmo e a esperança de revolução social que os diversos grupos antifascistas dos anos 1930 enxergavam no conflito na Espanha. Com o crescimento do fascismo na Europa, o embate entre revolução social e fascismo encenado na Espanha ofereceu um palco para a batalha que parecia, para os que nela tomaram parte, o front central da luta entre as forças progressistas e as reacionárias. O caráter simbólico desse conflito para os grupos de esquerda nos anos 1930 é o pano de fundo histórico do romance e sustenta o conteúdo de idealismo revolucionário e de forte convicção política que motiva a participação de estrangeiros na Guerra Civil Espanhola e que, no livro, fornece o necessário sentido para tornar verossímil o radical engajamento do personagem central com um conflito que ocorre em um país no qual ele é estrangeiro. **Palavras-chave:** Ernest Hemingway; *Por quem os sinos dobram*; Guerra Civil Espanhola.

ABSTRACT. Published in 1940, *For Whom the Bell Tolls*, by Ernest Hemingway, is one of the best known works of fiction which portrait the Spanish Civil War. This novel tells the story of Robert Jordan, an American instructor of Spanish who become a volunteer soldier for the troops that resisted the military coup conducted by Francisco Franco. In this article, we will show how the feeling of mission and commitment shaped in the character of Robert Jordan gives form to the excitement and hope in social revolution which the antifascist groups of the 30s saw in the Spanish conflict. With the growth of fascism in Europe, the battle between social revolution and fascism which took place in Spain offered a stage for fight that appeared, for those engaged in it, the central front of the battle between progressive and reactionary forces. The symbolic aspect of this conflict for the leftist groups of the 30s is the historical background of the novel and sustains the revolutionary idealism and strong political conviction which motivate foreigners to take part in the Spanish Civil War. The same background provides, in the novel, the necessary meaning to make the radical commitment of the main character to a conflict in a foreigner country look verisimilar. **Keywords:** Ernest Hemingway; *For Whom the Bell Tolls*; Spanish Civil War.

⁽¹⁾ Possui graduação em Letras (Português/Inglês) pela Universidade de São Paulo; especialização em Estudos de museus de arte pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo; mestrado em Letras (Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) pela Universidade de São Paulo; especialização em Linguagens da arte pelo Centro Universitário Maria Antônia da Universidade de São Paulo; doutorado em Letras (Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) pela Universidade de São Paulo. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus São Roque; e-mail: cizaurre@ifsp.edu.br

Recebido em: 15 out. 2014 ▪ Aceito em: 01 nov. 2014 ▪ Publicado em: 31 jan. 2015.

1 Ernest Hemingway na Guerra Civil Espanhola: correspondente e romancista

A Guerra Civil Espanhola deixou um “epitáfio textual” de mais de 15.000 livros¹. A participação de Ernest Hemingway nesse conflito nos legou como frutos literários uma peça de teatro (*The Fifth Column*, de 1938), contos², o roteiro de um filme (*The Spanish Earth*, de 1937) e um romance (*Por Quem os Sinos Dobram*, de 1940). O romance foi bem recebido pelo público, tendo atingido em 1943

¹ Segundo Helen Graham (*The Spanish Civil War: A Very Short Introduction*. New York: Oxford University Press, 2005).

² Publicados juntos com a peça sob o título *The Fifth Column and the First Forty-Nine Stories*. (New York: Charles Scribner's Sons, 1938).

a marca de 785.000 livros vendidos nos Estados Unidos e mais 100.000 na Inglaterra, o que o colocava como a obra de ficção americana mais vendida desde **Gone With the Wind** (E o Vento Levou) (SEIDMAN, 1994). Reunidas, essas obras garantem papel de destaque para Hemingway na divulgação da Guerra Civil Espanhola nos Estados Unidos³.

Na Espanha, Hemingway atuou como correspondente de guerra para a **North American Newspaper Alliance**. Dessa atuação restaram textos jornalísticos que pretendem informar o leitor americano sobre os eventos da Guerra Civil e material para as obras de ficção acima mencionadas. O confronto entre as informações contidas nesses textos e os eventos criados em **Por Quem os Sinos Dobram** levou críticos a apontar uma discrepância entre a timidez dos relatos jornalísticos sobre a guerra e a riqueza do quadro pintado no romance sobre o mesmo tema. Tal discrepância pode ser vista na crítica de Phillip Knightly à escassez de informações nos textos jornalísticos de Hemingway sobre as execuções conduzidas por André Marty⁴ na Espanha:

In the end, Hemingway did write it all, in *For Whom the Bell Tolls*, but from a war correspondent the reader has the right to expect all the news the correspondent knows at the time, not as interpolations in a work of romantic fiction published when the war is over. (...) As Baker [Carlos Baker, biógrafo de Hemingway, autor de *Ernest Hemingway: a life story* (1969)] says, "Refusing to waste the best of his materials in his newspaper dispatches... he had gathered and salted away a body of experience and information which he described... as 'absolutely invaluable'". For a novelist, this was understandable. For a war correspondent, it was unforgivable (KNIGHTLY, 1975, 213-214).

O conjunto de experiências e informações "absolutamente inestimáveis" acumuladas durante a passagem de Hemingway pela turbulenta Espanha dos anos 1930 é plasmado em matéria ficcional em **Por Quem os Sinos Dobram**. O trabalho de reflexão e "rememoração em tranquilidade"⁵ das emoções experimentadas no calor do conflito é mais próprio da criação ficcional do que do trabalho do jornalista, cujo compromisso é com o imediato. Publicado em 1940, dois anos após o retorno de Hemingway aos Estados Unidos⁶, **Por Quem os Sinos Dobram** conta com certo distanciamento temporal do conflito no qual seu enredo mergulha. Sobre esse período de gestação necessário ao trabalho do romancista e que diferencia esse trabalho da atuação do jornalista, Robert Hart comenta:

Only the journalist observes and reports immediately afterwards; the creative writer must wait, as Hemingway himself did before writing of the Spanish Civil War in *For Whom the Bell Tolls* and as he thought Malraux should have done before attempting to use the revolution in China in *Man's Fate* (HART, 1957, p. 317).

A relação entre jornalismo e literatura é aludida no romance em uma fala do personagem Karkov - correspondente russo do jornal Pravda - que parece ecoar a própria relação de Hemingway com seu trabalho de correspondente de guerra: "I am a journalist. But like all journalists I wish to write literature" (HEMINGWAY, 1976, p. 218).

³ "No one did more than Ernest Hemingway to bring the Spanish Civil War to the attention of the American people. (...) Thus, it could be argued that if Americans know anything about the Spanish Civil War, they probably know it from Hemingway" (SEIDMAN, 1994, p. 161).

⁴ Figura importante do Partido Comunista Francês. Atuou como oficial da força Republicana no conflito na Espanha.

⁵ Emparamos aqui a explicação de William Wordsworth sobre o trabalho de rememoração de emoções que está na base da criação poética: "poetry is the spontaneous overflow of powerful feelings: it takes its origin from emotion recollected in tranquillity: the emotion is contemplated till, by a species of reaction, the tranquillity gradually disappears, and an emotion, kindred to that which was before the subject of contemplation, is gradually produced..." (**Preface to the Lyrical Ballads**).

⁶ Hemingway permaneceu na Espanha por quase oito meses, entre 1937 e 1938.

A ideia de que é necessário registrar e, posteriormente, divulgar os fatos ocorridos na Espanha da Guerra Civil é mencionada por Robert Jordan, protagonista do romance, em vários momentos da narrativa. Quando isso ocorre, Jordan procura interromper a reflexão e focar a ação em curso, julgando que o momento do conflito exige um engajamento imediato e completo, enquanto o trabalho de reflexão pode ser adiado até o final da guerra. Essa tensão entre as exigências de ação na guerra e o imperativo de refletir sobre essa ação se manifesta, ao longo do enredo, em vários momentos em que Jordan se vê na obrigação de suspender temporariamente a reflexão para se engajar na luta imediata. O trecho a seguir ilustra esse fato:

[...] he [Robert Jordan] noticed, and listened to, and remembered everything. He was serving in a war and he gave absolute loyalty and as complete a performance as he could give while he was serving. But nobody owned his mind, nor his faculties for seeing and hearing, and if he were going to form judgments he would form them afterwards. And there would be plenty of material to draw them from. There was plenty already. There was a little too much sometimes⁷ (HEMINGWAY, 1976, p. 125).

O projeto de Robert Jordan de escrever, depois da guerra, um livro que reflita sua participação no conflito não se realizará, já que o personagem não sobreviverá a sua missão de combate. Assim, o vasto, por vezes excessivo, material que Jordan recolhe em sua trajetória pela Guerra Civil Espanhola chega ao leitor pela narrativa, no romance, das experiências desse personagem na guerra. O livro-testemunho que Jordan não chega a escrever é o romance em que Hemingway sintetiza sua visão da Guerra Civil Espanhola.

② “That bridge can be the point on which the future of the human race can turn”: o sentido de missão em *Por quem os sinos dobram*

Por Quem os Sinos Dobram conta a história do americano Robert Jordan, um instrutor de língua espanhola da Universidade de Montana que se torna combatente voluntário na defesa do governo Republicano Espanhol. Ele recebe a missão de demolir uma ponte, o que, segundo o plano, vai impedir o deslocamento das forças rebeldes e facilitar o ataque dos Republicanos. Para realizar essa missão, Jordan contará com o apoio de um pequeno grupo de combatentes, pessoas simples levadas a pegar em armas pelas circunstâncias do conflito.

Jordan demonstra um profundo engajamento com a causa da República e se mostra disposto a matar e a morrer por ela. O velho Anselmo, companheiro de missão de Jordan, embora igualmente engajado com a causa, oferece um contraponto ao engajamento incondicional do americano a ordens e deveres de soldado. Essa diferença de visão se coloca nos primeiros diálogos entre Jordan e Anselmo, como podemos ver no seguinte trecho:

“And we will win.”
“We have to win.”
“Yes. And after we have won you must come to hunt.”
“To hunt what?”
“The boar, the bear, the wolf, the ibex-”
“You like to hunt?”
“Yes, man. More than anything. We all hunt in my village. You do not like to hunt?”
“No,” said Robert Jordan. “I do not like to kill animals.”

⁷ “ele dava atenção a tudo, tudo ouvia e de tudo se lembrava. Servia numa guerra, e punha no seu serviço a maior lealdade e uma actividade tão completa quanto possível. Mas os seus pensamentos não podiam ser governados por ninguém, nem as suas faculdades de ver e ouvir e se tinha que formular juízos, fá-lo-ia mais tarde. E então teria um material mais extenso, e já tinha muito; talvez de mais, por vezes.” (HEMINGWAY, 1969, p. 133)

"With me it is the opposite," the old man said. "I do not like to kill men."

"Nobody does except those who are disturbed in the head," Robert Jordan said. "But I feel nothing against it when it is necessary. When it is for the cause"⁸ (HEMINGWAY, 1976, p. 41-42).

Ao longo da narrativa, a determinação e o engajamento de Robert Jordan vão sendo colocados à prova. Desde o início, ele sabe que a missão a que foi designado é altamente perigosa. Como um típico herói de Hemingway⁹, a morte não assusta Jordan. Ele esboça alguma desconfiança em relação a sua missão quando cogita a morte de seus companheiros de combate, mas, ainda assim, coloca o objetivo coletivo (a vitória contra os fascistas) acima do destino individual seu e de seus companheiros. Isso pode ser visto neste trecho:

"It should be of the highest interest," Anselmo said and hearing him say it honestly and clearly and with no pose, neither the English pose of understatement nor any Latin bravado, Robert Jordan thought he was very lucky to have this old man and having seen the bridge and worked out and simplified the problem it would have been to surprise the posts and blow it in a normal way, he resented Golz's orders, and the necessity for them. He resented them for what they could do to him and for what they could do to this old man. They were bad orders all right for those who would have to carry them out. And that is not the way to think, he told himself, and there is not you, and there are no people that things must not happen to. Neither you nor this old man is anything. You are instruments to do your duty. There are necessary orders that are no fault of yours and there is a bridge and that bridge can be the point on which the future of the human race can turn¹⁰ (HEMINGWAY, 1976, p. 45).

A sombra de sua morte e, sobretudo, da de seus companheiros, desperta em Jordan um espírito de contestação que é logo afastado pelo engajamento de soldado comprometido com uma causa que ele concebe como maior do que seu próprio destino. O sentido de missão que guia Jordan na narrativa até sua morte - e a de muitos de seus companheiros, incluindo o velho Anselmo - é resumido na passagem acima na ideia de que o combatente é apenas um "instrumento para o seu dever". Para muitos leitores de hoje - sobretudo aqueles nascidos a partir dos anos 1960, já sob o signo da "pós-modernidade" - tal afirmação de engajamento pode soar inverossímil e disparar um alarme de ironia contra a figura do voluntário comprometido até a morte por uma causa política.

Essa tensão entre o sentido de missão e a realidade da morte certa é novamente experimentada por Robert Jordan quando ele volta a questionar o alto risco que as ordens do general Golz impõe aos combatentes engajados no seu cumprimento:

⁸ "- É preciso que vençamos. / - E depois de termos vencido, voltarás cá para caçar. / - Caçar o quê? / - O javali, o urso, o lobo, o cabrito montês... / - Gostas de caçar? / - Sim, homem. Mais do que tudo. Na minha aldeia todos, caçamos. E tu? / - Não - disse Robert Jordan. - Não gosto de matar animais. / - Comigo dá-se o contrário - murmurou o velho. - O que não gosto é de matar homens. / - Ninguém gosta, a menos que se tenha a cabeça perturbada - voltou Jordan. - Mas sendo necessário pouco se me dá... sendo pela causa" (HEMINGWAY, 1969, p. 42).

⁹ "... the shadow of ruin is behind the typical Hemingway situation. The typical character faces defeat or death" (WARREN, 1947, p. 14).

¹⁰ "- Será de um alto interesse - voltou Anselmo honestamente, claramente e sem afectação, sem a discrição simulada dos ingleses, nem a bravata latina. Ouvindo-o, Robert Jordan sentiu-se muito feliz por ter a seu lado aquele velho; agora que tinha visto a ponte, estudado e simplificado o problema que consistiria em surpreender as sentinelas e destruir a ponte de uma maneira normal, começou a pensar nas ordens de Golz. Pensava nas consequências que teriam para ele e para o velho. Eram ordens terríveis para quem tinha que as executar. Mas isto não é pensar correctamente, murmurou Jordan para si mesmo; pensar no que te vai acontecer, a ti e a todos os outros, não significa nada. Nem tu nem o velho sois coisas que valham a pena. Sois os instrumentos do vosso dever. Há ordens necessárias contra as quais não podeis nada; há uma ponte e esta ponte pode ser a ponte onde o futuro da raça humana tomará outro rumo" (HEMINGWAY, 1969, p. 46).

You have no responsibility for them except in action. The orders do not come from you. They come from Golz. And who is Golz? A good general. The best you've ever served under. But should a man carry out impossible orders knowing what they lead to? Even though they come from Golz, who is the party as well as the army? Yes. He should carry them out because it is only in the performing of them that they can prove to be impossible. How do you know they are impossible until you have tried them? If everyone said orders were impossible to carry out when they were received where would you be? Where would we all be if you just said, "Impossible," when orders came? He had seen enough of commanders to whom all orders were impossible. That swine Gomez in Estremadura. He had seen enough attacks when the flanks did not advance because it was impossible. No, he would carry out the orders and it was bad luck that you liked the people you must do it with¹¹ (HEMINGWAY, 1976, p. 148).

Existe, no romance, uma tensão entre o sentido de missão e as consequências humanas do conflito. Isso aparece repetidas vezes nas dúvidas e preocupações de Robert Jordan com o perigo de sua missão para ele e para seus companheiros. Aparece, mais claramente, na narrativa de Pilar - mulher de Pablo, o líder do grupo que ajuda Jordan - sobre o massacre de moradores fascistas pelos próprios vizinhos em uma pequena cidade tomada pelo grupo de Pablo. A história dos moradores apoiadores de Franco sendo insultados, espancados e atirados de um penhasco ganha vida nas palavras de Pilar e presentifica esse episódio de violência de forma a perturbar a disposição dos combatentes em matar pela causa. A cena em que Don Faustino implora pela vida é particularmente perturbadora.

O tema da narrativa como veículo de experiências - desenvolvidos por alguns críticos que aproximaram o trabalho de Hemingway como correspondente e escritor - aparece na admiração de Jordan, que também planeja escrever sobre a guerra, pelo poder de comunicação da Pilar narradora. Jordan gostaria de escrever como Pilar conta sua história, e admira a maneira como sua amiga o fez ver o massacre dos moradores fascistas:

Pilar had made him see it in that town. If that woman could only write. He would try to write it and if he had luck and could remember it perhaps he could get it down as she told it. God, how she could tell a story. She's better than Quevedo, he thought. He never wrote the death of any Don Faustino as well as she told it. I wish I could write well enough to write that story, he thought. What we did. Not what the others did to us. He knew enough about that. He knew plenty about that behind the lines. But you had to have known the people before. You had to know what they had been in the village¹² (HEMINGWAY, 1976, p. 124).

O caráter abstrato das ordens é eloquentemente ilustrado pela passagem a seguir, em que Anselmo, ao observar de longe soldados que ele terá que matar na missão da ponte, percebe que os lados

¹¹ "Tu não tens qualquer responsabilidade por eles durante a acção. As ordens não são tuas. As ordens são de Golz. E quem é Golz? Um bom general. O melhor de quantos conheceste. Mas pode um homem executar ordens impossíveis, quando sabe o resultado a que conduzirão? Sim. Devia executá-las, porque é a única maneira de poder provar a sua impossibilidade. Como verificar isso antes da prova? Se cada um se pusesse a dizer que as ordens não poderiam ser executadas, aonde iríamos parar? Que seria de todos nós, se respondêssemos "impossível" ao recebermos ordens? Estava farto de ver chefes para os quais todas as ordens eram de impossível execução. Aquele porcalhão do Gomez, na Estremadura. Quantos ataques em que os flancos não avançavam porque era impossível? Não, ele executaria as ordens, embora tivesse a infelicidade de gostar das pessoas de quem tinha de servir-se e iria sacrificar" (HEMINGWAY, 1969, p. 159).

¹² "Pilar tinha desvendado o que se passara na cidade. / Se esta mulher soubesse escrever... Pensava. Ele ia tentar escrever a história e se tivesse a sorte de a recordar bem, talvez pudesse escrever tal como ela lha tinha contado. Meu Deus, como Pilar contava bem! Ela era melhor que Quevedo, sonhava ele. Quevedo nunca descreveria a morte de nenhum Don Faustino como ela o tinha feito. Gostaria de escrever bem para poder reproduzir esta história, continuava ele a sonhar. E o que nós fizemos. Não o que os outros nos fizeram. Disso sabia de mais. Mas era necessário ter conhecido as pessoas antes. Sabia bastante do que acontecia atrás das linhas. Mas era necessário ter conhecido as pessoas antes. Era necessário saber como tinham sido antes, nas suas aldeias" (HEMINGWAY, 1969, p. 132).

em conflito são separados por ordens (“it is only orders that come between us”) e que entre eles há mais coisas em comum do que se poderia esperar de inimigos mortais:

Across the road at the sawmill smoke was coming out of the chimney and Anselmo could smell it blown toward him through the snow. The fascists are warm, he thought, and they are comfortable, and tomorrow night we will kill them. It is a strange thing and I do not like to think of it. I have watched them all day and they are the same men that we are. I believe that I could walk up to the mill and knock on the door and I would be welcome except that they have orders to challenge all travellers and ask to see their papers. It is only orders that come between us. Those men are not fascists. I call them so, but they are not. They are poor men as we are. They should never be fighting against us and I do not like to think of the killing. These at this post are Gallegos. I know that from hearing them talk this afternoon. They cannot desert because if they do their families will be shot. Gallegos are either very intelligent or very dumb and brutal. I have known both kinds. Lister is a Gallego from the same town as Franco. I wonder what these Gallegos think of this snow now at this time of year. They have no high mountains such as these and in their country it always rains and it is always green¹³ (HEMINGWAY, 1976, p. 174).

As cicatrizes de uma guerra civil são visíveis na fala de Anselmo, obrigado pelas circunstâncias do conflito a travar uma luta de vida e morte com seus conterrâneos.

As incertezas de Robert Jordan sobre sua missão e a figura de Anselmo atestam que **Por Quem os Sinos Dobram** não é uma obra estritamente de propaganda, dogmática ou Stalinista, conforme acusações de críticos. Alguns desses críticos exigiram da obra um posicionamento mais contundente sobre a participação do Partido Comunista na Guerra Civil Espanhola. Contra tais acusações, temos a figura de André Marty, que, no livro, é retratado como um insano que tem mania de execuções.

Parte dessas acusações de dogmatismo deriva do episódio do rompimento da amizade de Hemingway e John Dos Passos, que, segundo a versão mais aceita, teria ocorrido por causa do assassinato de José Robles, amigo de Dos Passos, supostamente morto pelos comunistas sob a suspeita de ser um espião fascista. O episódio não só separou os dois amigos escritores como também dividiu a esquerda sobre a participação do PC no conflito na Espanha¹⁴.

A natureza do engajamento de Robert Jordan parece obedecer mais a imperativos éticos ligados à luta contra o fascismo crescente na Europa dos anos 1930 do que à orientação ideológica. Quando questionado por seus companheiros de combate sobre sua orientação política, Jordan responde não ser comunista, mas apenas anti-fascista (“Are you a Communist?”; “No, I am an anti-fascist”; HEMINGWAY, 1976, p. 64). Assim, abordaremos esse engajamento olhando para o contexto histórico da qual a obra emergiu, marcado pela luta contra o fascismo.

¹³ “Do outro lado da estrada, na serração, o fumo safa da chaminé e o vento atirava-o para Anselmo. Os fascistas parecem bem aquecidos, reflectiu o velho; estão no quente e amanhã à noite vamos matá-los. E uma coisa estranha em que não gosto de pensar. Estive a observá-los durante o dia todo. São homens como nós. Estou certo de que se pudesse ir até lá e batesse naquela porta, eles me receberiam; mas têm ordens de exigir e examinar os papéis dos viajantes. A única diferença que existe entre nós são as ordens. Esses homens não são fascistas. Trato-os assim, mas não o são. Não passam de pobres criaturas como nós. Nunca deveriam ter combatido contra nós, e eu não gosto de pensar em matá-los. Os que estão naquele posto, são gallegos. Ouvi-os falar o dia inteiro. Não podem desertar porque se o fizerem lhes fuzilam as famílias. Os galegos ou são muito inteligentes ou são muito estúpidos e brutos. Conheci as duas espécies. Lister é um galego da mesma cidade de Franco. Pergunto-me o que pensarão eles da neve, nesta altura do ano. Na região deles as montanhas não são altas como as nossas e chove sempre, o verde lá é constante” (HEMINGWAY, 1976, p. 189).

¹⁴ Esse episódio é contado com detalhes no livro **Ponto de Ruptura**: Hemingway, John dos Passos e o Assassinato de José Robles (KOCH, Stephen. São Paulo: Difel, 2008).

3 Por quem os sinos dobram e a Guerra Civil Espanhola

A Guerra Civil Espanhola foi um evento que mobilizou os dois extremos do espectro ideológico nos anos 1930 e polarizou ainda mais o conflito de visões de mundo entre os que desejavam uma revolução social e os que defendiam posições conservadoras. Para Eric Hobsbawm, essa guerra se tornou o símbolo da luta global nos anos 1930:

Yet it was no accident that the domestic politics of that notoriously anomalous and self-contained country became the symbol of a global struggle in the 1930s. They raised the fundamental political issues of the time: on the one side, democracy and social revolution, Spain being the only country in Europe where it was ready to erupt; on the other, a uniquely uncompromising camp of counter-revolution or reaction, inspired by a Catholic Church which rejected everything that had happened in the world since Martin Luther (HOBBSAWM, 1996, p. 157).

Com o crescimento do fascismo na Europa, o embate entre revolução social e fascismo encenado na Espanha ofereceu um palco para a batalha que parecia, para os que dela participaram, o front central da luta entre as forças progressistas e as reacionárias. Duas falas de Robert Jordan no romance, já mencionadas aqui, dão o tom do engajamento dos combatentes da esquerda nesse conflito: “If we win here we will win everywhere” (HEMINGWAY, 1976, p. 408) e “that bridge can be the point on which the future of the human race can turn” (HEMINGWAY, 1976, p. 45). Sobre o significado da Guerra Civil Espanhola nos anos 1930, Hobsbawm comenta:

What Spain meant to liberals and those on the Left who lived through the 1930s, is now difficult to remember, though for many of us the survivors, now all past the Biblical life-span, it remains the only political cause which, even in retrospect, appears as pure and compelling as it did in 1936. It now seems to belong to a prehistoric past, even in Spain. Yet at the time it seemed to those who fought fascism to be the central front of their battle, because it was the only one in which action never ceased for over two-and-a-half years, the only one where they could participate as individuals, if not in uniforms, then by collecting money, by helping refugees, and by the never-ending campaigns to put pressure on our own chicken-hearted governments (HOBBSAWM, 1996, p. 160).

A possibilidade de ação concreta em um conflito em que as posições ideológicas estão dadas e contrapostas, a possibilidade de engajamento de indivíduos nesse conflito, são aspectos da Guerra Civil Espanhola que Hobsbawm destaca acima como explicação para o interesse daqueles que lutavam contra o fascismo em se envolver na luta na Espanha. O mesmo sentimento de tomar parte, como indivíduo, em uma luta por uma causa justa aparece no seguinte trecho de *Por Quem os Sinos Dobram*, no qual o narrador reverbera o pensamento de Robert Jordan:

It gave you a part in something that you could believe in wholly and completely and in which you felt an absolute brotherhood with the others who were engaged in it. It was something that you had never known before but that you had experienced now and you gave such importance to it and the reasons for it that your own death seemed of complete unimportance; only a thing to be avoided because it would interfere with the performance of your duty. But the best thing was that there was something you could do about this feeling and this necessity too. You could fight¹⁵ (HEMINGWAY, 1976, p. 210).

¹⁵ “Integração da criatura em algo em que podia acreditar inteiramente, completamente, e onde existia um profundo sentimento de fraternidade por todos os que participavam do mesmo credo. Era algo jamais sentido antes e que, experimentado agora, adquiria uma importância suprema diante da qual a morte nada significava; a morte passava a ser evitada apenas por-

O sentimento de comunhão com uma causa, que motiva as ações de Robert Jordan no romance, é expresso, em termos religiosos, como a participação em uma “cruzada”, como o ingresso na vida religiosa simbolizado pela primeira comunhão ou como a “consagração a um dever”:

At either of those places you felt that you were taking part in a crusade. That was the only word for it although it was a word that had been so worn and abused that it no longer gave its true meaning. You felt, in spite of all bureaucracy and inefficiency and party strife, something that was like the feeling you expected to have and did not have when you made your first communion. It was a feeling of consecration to a duty toward all of the oppressed of the world which would be as difficult and embarrassing to speak about as religious experience and yet it was authentic as the feeling you had when you heard Bach, or stood in Chartres Cathedral or the Cathedral at Leon and saw the light coming through the great windows; or when you saw Mantegna and Greco and Brueghel in the Prado¹⁶ (HEMINGWAY, 1976, p. 210).

O sentido de missão que sustenta o engajamento de Robert Jordan é evocado nos momentos em que o personagem enfrenta grandes perigos e privações. Todo o sofrimento da guerra e o sacrifício final de Jordan são validados pela convicção que esse personagem carrega de estar lutando “em prol de todos os pobres do mundo, contra todas as tiranias” (“for all the poor in the world, against all tyranny”) e a favor de todas as coisas em que ele acredita e pelo novo mundo para o qual a sua educação o preparou:

In all that, in the fear that dries your mouth and your throat, in the smashed plaster dust and the sudden panic of a wall falling, collapsing in the flash and roar of a shellburst, clearing the gun, dragging those away who had been serving it, lying face downward and covered with rubble, your head behind the shield working on a stoppage, getting the broken case out, straightening the belt again, you now lying straight behind the shield, the gun searching the roadside again; you did the thing there was to do and knew that you were right. You learned the dry-mouthed, fear-purged, purging ecstasy of battle and you fought that summer and that fall for all the poor in the world, against all tyranny, for all the things that you believed and for the new world you had been educated into. You learned that fall, he thought, how to endure and how to ignore suffering in the long time of cold and wetness, of mud and of digging and fortifying. And the feeling of the summer and the fall was buried deep under tiredness, sleepiness, and nervousness and discomfort. But it was still there and all that you went through only served to validate it¹⁷ (HEMINGWAY, 1976, p. 211).

que poderia interferir no cumprimento do dever. Mas o melhor era o poder obedecer-se a este sentimento e a esta necessidade. Podia-se lutar” (HEMINGWAY, 1969, p. 228).

¹⁶ “Nos dois lugares tinha-se a impressão de estar numa cruzada. É o único termo exacto, apesar de usado até ao abuso e gasto a ponto de haver perdido a sua verdadeira significação. Malgrado toda a burocracia e querelas partidárias, havia lá algo do sentimento que se espera ter e não se tem quando se faz a primeira comunhão. Um sentimento de consagração a um dever para com todos os oprimidos do mundo, tão difícil de definir como uma qualquer experiência religiosa. E no entanto este sentimento era tão verdadeiro como o de quem ouve Bach, ou de quem penetra na catedral de Chartres ou de Lion e vê a luz penetrando pelos vitrais; ou de quem pára diante de um quadro de Mantegna ou Greco ou Breughel no Museu do Prado” (HEMINGWAY, 1969, p. 228).

¹⁷ “Em tudo aquilo, no medo que resseca a boca e a garganta, quando a calíça e o súbito pânico perante uma parede que abate, desabando dentro do clarão e do estrondo da explosão de um obus, liberta-se a metralhadora, afastam-se os corpos dos serventes deitados de barriga e cobertos de destroços, tira-se o carregador partido, emenda-se a cinta, estendem-nos atrás da blindagem de protecção e a metralhadora recomeça a metralhar de novo a estrada; faz-se o que se tem a fazer e sabe-se que se tem razão. Tu conhecestes a boca seca, a exaltação santificadora, purificada pelo medo que o combate dá, e batestes-te este Verão e este Outono em prol de todos os pobres do mundo, contra todas as tiranias, e a favor de todas as coisas em que acreditas e pelo novo Mundo para o qual a tua educação te preparou. Aprendeste este Outono, -dizia-se ele, -como sofrer e desprezar o sofrimento, os longos períodos de frio e de lama, nos trabalhos de terraplenagem e de fortificação. E a sensação do

Nas páginas finais do romance, que coincidem com os últimos instantes de vida de Robert Jordan, o compromisso do combatente com sua missão e com sua causa são reafirmados. A morte em combate é o coroamento do soldado que, desde o início da narrativa, prevê esse fim e se prepara para ele, buscando no engajamento com a causa antifascista o necessário sentido para o sacrifício final, a que ele se submete com orgulho e satisfação:

I have fought for what I believed in for a year now. If we win here we will win everywhere. The world is a fine place and worth the fighting for and I hate very much to leave it. And you had a lot of luck, he told himself, to have had such a good life. You've had just as good a life as grandfather's though not as long¹⁸ (HEMINGWAY, 1976, p. 408-409).

A lembrança do avô, herói da Guerra Civil Americana, é recorrente na narrativa e acompanha Jordan até sua última batalha, na qual ele confirmará a herança de heroísmo da qual ele tanto se orgulha, apenas contrariada por seu pai, que se suicidou sem estar em batalha alguma.

4 Considerações finais: os sinos ainda ressoam?

Desde sua publicação, o romance tem sofrido críticas que destacam o caráter individualista da história de Robert Jordan¹⁹. O escritor americano E. L. Doctorow, comparando **Por Quem os Sinos Dobram** à *L'Espoir*, de André Malraux²⁰, conclui que no romance de Hemingway "war is the means by which one's cultivated individualism can be raised to the heroic. And therefore, never send to ask for whom the bell tolls; it tolls so that I can be me" (DOCTOROW, 2007, p. 92).

Doctorow atribui o individualismo do romance de Hemingway ao "great operative myth of rugged individualism" (DOCTOROW, 2007, p. 95) que caracteriza a sociedade norte-americana e imprime sua marca nas grandes obras da literatura dessa nação, como ilustrado a seguir:

Entrepreneurial self-reliance had come in for some rough treatment from Melville in *Moby-Dick*, and from Dreiser in *Sister Carrie*, and from Fitzgerald in *The Great Gatsby*, but Hemingway found its most romantic face. Distrust of society, a principled loneliness, have been preponderant motifs in our fiction ever since Robert Jordan withdrew from hope for his life and for the antifascist cause and waited for death as he looked out over the barrel of his machine gun on the last page of *For Whom the Bell Tolls* (DOCTOROW, 2007, p. 95).

Dado que o individualismo apontado por críticos como Doctorow é um aspecto de **Por Quem os Sinos Dobram**, bem como de muitos outros romances norte-americanos, tentamos mostrar aqui que o sentido de missão e de engajamento plasmados no personagem Robert Jordan figuram o entusiasmo e a esperança de revolução social que os diversos grupos antifascistas enxergavam na Guerra Civil Espanhola. Escrevendo para leitores do mundo "pós-ideológico", ou "líquido", Eric Hobsbawm ressalta o conteúdo de idealismo revolucionário e de convicção que motiva a participação de estrangeiros na Guerra Civil Espanhola e que pode soar inverossímil no cenário do cinismo pós-moderno: "For the benefit of readers who have grown up in the moral milieu of the late twentieth century, it must be ad-

Verão e do Outono estava profundamente enterrada sob a fadiga, o sono, a impaciência, o desconforto. Mas a sensação persistia e tudo o que se tinha sofrido apenas a confirmava". (HEMINGWAY, 1969, p. 228).

¹⁸ "Há um ano que combato pelo que julgo certo. Se vencermos aqui, venceremos por toda a parte. O mundo é belo e merece que se lute por ele, e dói-me deixá-lo. E no entanto tu tiveste tanta sorte em ter uma vida tão boa. Sim, foi uma vida tão boa como a do teu avô, se bem que seja mais curta." (HEMINGWAY, 1969, p. 446).

¹⁹ Para um resumo das críticas mais recorrentes a essa obra de Ernest Hemingway, cf.: BEILGUELMAN-MESSINA, Giselle. Hemingway e a Guerra Civil Espanhola. Revista USP. Março/Abril e Maio de 1990.

²⁰ Romance que tem a Guerra Civil Espanhola como cenário.

ded that these were neither mercenaries, nor, except in a very few cases, adventures. They went to fight for a cause" (HOBSBAWM, 1996, p. 160).

Mesmo após a derrota da causa Republicana na Guerra Civil Espanhola, mesmo diante do cenário tétrico da Segunda Guerra Mundial, o idealismo revolucionário presente em **Por Quem os Sinos Dobram** continuou a emitir sinais de esperança para o mundo desencantado, como nos mostra o elogio de Sinclair Lewis manifestado em introdução à edição de 1942 (Princeton University Press) do romance:

The world today is jammed with greasily articulate public figures who write and shout that democracy must prevail, that justice shall be established, that freedom must be courageously won. Some of them mean well, and some of them like to be seen around, and quite a lot manage to combine the two. But though their doctrine is true, their words are dry and dead, their words are empty bombs. Not by pulpsteering shall people be stirred to resolution and combative common sense. But when the reader, identifying himself with Robert Jordan, actually smells the fighting, then freedom may become an activity to live for, and brotherhood may become inevitable (LEWIS *apud* TROGDON, 1999, p. 233).

Além que proporcionar um eloquente retrato do clima ideológico dos anos 1930, a recepção do livro de Hemingway hoje pode dizer algo sobre o momento político que vivemos, em que buscamos narrativas que possam lembrar o espírito de coletividade já indicado na epígrafe desse romance²¹ e na fala de Harry Morgan, herói do romance **To Have and Have Not** (1937): "A man alone ain't got no bloody fucking chance".

5 Referências

BAKER, C. **Ernest Hemingway: a life story**. Londres: Collins, 1969.

DOCTOROW, E. L. **Creationists: selected essays (1993-2006)**. New York: Random House, 2007.

GRAHAM, H. **The Spanish Civil War: A Very Short Introduction**. New York: Oxford University Press, 2005.

HART, R. C. Hemingway on Writing. **College English**, v. 18, n. 6 (mar. 1957), p. 314-320. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/372054>>; acesso em: 19 ago. 2012.

HEMINGWAY, E. **For Whom the Bell Tolls**. St. Albans: Triad/Panther Books, 1976.

_____. **Por quem os sinos dobram**. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

_____. **To Have and Have Not**. New York: Scribner Paperback Fiction, 1996.

HOBSBAWM, E. **The Age of Extremes: A History of the World, 1914-1991**. New York: Vintage Books, 1996.

²¹ "No man is an *Iland*, intire of it selfe; every man is a peece of the *Continent*, a part of the *maine*; if a *Clod* bee washed away by the *Sea*, *Europe* is the lesse, as well as if a *Promontorie* were, as well as if a *Mannor* of thy friends or of thine owne were; any mans *death* diminishes me, because I am involved in *Mankinde*; And therefore never send to know for whom the *bell* tolls; It tolls for *thee*" JOHN DONNE. Na tradução de Monteiro Lobato: "Nenhum homem é uma ILHA isolada; cada homem é uma partícula do coNTineNTE, uma parte da TERRA; se um torrão é arrastado para o MAR, a EUROPA fica diminuída, como se fosse um PRomoNTório, como se fosse a casa dos teus amigos ou a TUA PRÓPRIA; a MORTE de qualquer homem diminui-me, porque sou parte do GÉNERO HUMANO. E por isso não perguntes por quem os SiNos dobram; eles dobram por TI".

KNIGHTLY, P. **The first causality**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975.

LEWIS, S. **Introduction to For Whom the Bell Tolls**. New Jersey: Princeton University Press, 1942.

SEIDMAN, M. The Artist as Populist: Hemingway and the Spanish Civil War. **Mediterranean Studies**, Penn State University Press, v. 4, pp. 157-164, 1994. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41166886>>; acesso em: 19 ago. 2012.

TROGDON, R. W. (Ed.). **Ernest Hemingway, A Documentary Volume**. Detroit: Gale Group, 1999 (Dictionary of Literary Biography, Vol. 210).

WARREN, R. P. Hemingway. **The Kenyon Review**, v. 9, n. 1, pp. 1-28, 1947. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4332813>>; acesso em: 19 ago. 2012.

Como citar este ensaio literário

GUIRAU, M. C. Um ato de resistência: *Por Quem os Sinos Dobram* e a Guerra Civil Espanhola. **Scientia Vitae**, v. 2, n. 7, ano 2, jan. 2015, p. 50-60. Disponível em: <www.revistafpsr.com/v2n7ano2_2015.htm>; acesso em: __/__/__.